

**MARIA TEREZA BIDERMAN:
A LEXICOGRAFIA REFLETIDA E PRATICADA**

Maria da Graça Krieger (UNISINOS)
kriegermg@gmail.com

RESUMO

Nesta homenagem a Maria Tereza de Camargo Biderman, objetivamos destacar alguns aspectos de sua trajetória como investigadora da área do léxico e de sua atuação como dicionarista. Maria Tereza enfrentou a complexa prática da lexicografia, tornando-se autora, principalmente, de dicionários voltados ao estudante. A reunião das duas faces – investigação do léxico e atuação como dicionarista – está refletida tanto em seus escritos teóricos, quanto em seus dicionários. De fato, a prática lexicográfica que realizou foi moldada pela reflexão linguística. Em sua opinião, a lexicografia não pode prescindir de “considerações básicas da lexicologia”, conforme suas próprias palavras. Assim como essa importante consideração, nem sempre respeitada na tradição da lexicografia, toda sua trajetória foi marcada por posicionamentos teóricos, incluindo exercícios de crítica lexicográfica. Ao reunir teoria, prática e crítica em sua apaixonada e vigorosa atuação profissional, que englobou também preocupações didáticas, Maria Teresa Biderman tornou-se referência para os estudos e o ensino do léxico em nosso meio. Seus horizontes de interesse não se limitaram ao léxico geral, posto que também abrigaram os termos técnico-científicos, constituindo um amplo quadro de contribuições às ciências do léxico, como pretendemos ilustrar.

Palavras-chave: Lexicologia. Lexicografia. Biderman.

Falar de Maria Tereza Camargo Biderman é difícil, mas, ao mesmo tempo, fácil, ou melhor, aparentemente fácil. Foi muito difícil aceitar seu afastamento de nós. Deixou um vazio da pessoa, da amiga, da incentivadora que abriu caminhos e oportunidades aos mais jovens que, como ela, escolheram trilhar o universo do léxico.

Fácil é falar da pesquisadora, como se isso fosse pouco e simples. Não é, pois Maria Tereza Camargo Biderman foi uma pesquisadora, que nos deixou um legado intelectual pleno de muitas lições e conhecimen-

tos. Fez, e muito, pela lexicografia brasileira, não só pelos dicionários que elaborou e publicou, mas também porque desenvolveu uma série de estudos teóricos, compreendendo análises críticas lexicográficas, além de descrever aspectos teórico-metodológicos de elaboração de dicionários. Mais ainda, nos ofereceu reflexões sobre lexicologia de importância vital para quem tem interesse nos estudos e práticas envolvendo o léxico. Dentro de pouco, vou abordar alguns aspectos de suas reflexões, que estão divulgadas em inúmeros artigos publicados, aqui e no exterior, centrados.

Mas, antes, quero dizer da minha imensa alegria pela oportunidade de que, agora, me é dada neste ano de homenagens à Maria Tereza Biderman. Agradeço aos organizadores deste evento por este honroso convite.

Se falei antes em alegria por poder prestar uma homenagem pública, é porque tive a felicidade de conviver com Maria Tereza Biderman em inúmeras ocasiões. Tenho o orgulho de dizer que fomos, que nos tornamos grandes amigas, o que foi favorecido pelos encontros na ANPOLL, em nosso GT de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.

Para mim, Maria Tereza, sempre representou a expressão da energia positiva, da capacidade de pensar, de realizar, de manifestar suas convicções. Era dona de uma personalidade forte, refletida em seus posicionamentos teóricos, na manifestação de seus princípios morais. Tinha a coragem de dizer, sem temer o confronto. Foi uma guerreira em sua luta incessante pelas suas crenças e valores que moveram sua paixão não só pela lexicografia, mas pelo léxico e seus estudos em toda sua abrangência.

Quem a conheceu sabe bem de sua conduta firme e, acima de tudo, sempre norteada por princípios éticos, pela sua fé religiosa, ao que acrescento: pela sua condição de ser amiga.

Vivemos momentos especiais de convivência, permeados de longas conversas. Por vezes, Maria Tereza me telefonava para Porto Alegre, algum recado, algum convite e a conversa era sempre longa em nossa troca de ideias. Sempre serei grata pela confiança que em mim depositava.

Por tudo isso, não posso deixar de falar em amizade. Na verdade, sempre que pudemos, como já disse, conversamos longamente: além dos encontros da ANPOLL, nos congressos, em viagens em inúmeras oportu-

tunidades de convívio que a vida acadêmica nos ofereceu no Brasil e no exterior.

Como era de se esperar, nosso assunto predominante girava em torno de nosso interesse comum: o léxico e suas possibilidades de estudos. Tanto assim era que, vou apenas referir um acontecimento, para mim emblemático, relacionado ao dia 11 de setembro de 2001. Já desde cedo, o mundo inteiro assistiu atônito ao ataque às torres gêmeas de Nova York. Naquela manhã, não havia quem não soubesse do inacreditável acontecimento, menos Maria Tereza e eu. No dia 11 pela manhã, viajamos juntas de Araraquara a São Paulo, de ônibus. Eu estava lá, atendendo a seu convite para participar, de uma banca de doutorado no dia anterior, e da qual Clotilde também participou.

No trajeto de cerca de 4 horas, falamos incessantemente de lexicologia, lexicografia e de terminologia. O ônibus fez uma parada, mas, sem atentar ao mundo externo, seguimos falando das nossas queridas ciências do léxico. Só em nossa chegada a São Paulo, tomamos conhecimento do inacreditável ataque. Desde então, lembrando daquele dia, dizia sempre à Tereza: “Nós somos a prova viva da alienação do mundo real. O léxico e as ciências do léxico comandam nossa vida”.

Essa lembrança, para mim, é, sem dúvida, simbólica do quanto nossos interesses comuns, nossas afinidades e gosto pelo léxico em suas várias faces nos uniram no trabalho e na amizade.

Amizade que me leva a agradecer sempre, em meu nome e do grupo Termisul, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por sua generosidade em compartilhar conhecimentos e experiências, sua disposição de oferecer sugestões ao nosso trabalho, e ainda pela abertura de portas. Refiro aqui o fato de termos escolhido, por sugestão de MT o tema de nosso primeiro projeto em terminologia: o *Dicionário de Direito Ambiental* que viemos a publicar.

Dizia ela: o Brasil não tem um Dicionário de Direito Ambiental e é muito necessário à vida social e à preservação da natureza. Reconhecer a híbrida terminologia ambiental consignada nas leis foi um desafio marcante em nossa trajetória de iniciantes em terminologia. Mas, também nos proporcionou uma aceitação plena de nosso trabalho, fora dos muros da universidade. Tinha ela toda razão, o Brasil mostrou que precisava desse dicionário. Maria Tereza também nos abriu portas, nos apresentou à editora DISAL que veio a publicar o *Glossário de Gestão Ambiental*, outro dos trabalhos do Termisul.

Poderia falar por muito tempo da amizade, de sua disponibilidade para ensinar, mas, quero ainda trazer aqui, como disse, alguns tópicos essenciais de seu legado. Difícil escolher, pois sua essência de pesquisadora também se traduziu nas inúmeras orientações de dissertações de mestrado e de teses de doutoramento, qualificando uma nova geração que tem renovado e feito avançar o universo da pesquisa sobre o léxico no Brasil.

Mas, sem dúvida, suas obras marcantes, suas paixões especiais foram seus dicionários, cujas publicações deu início em 1992 com *Dicionário Contemporâneo de Português*, editado pela Vozes. Inovadores pelos princípios metodológicos adotados como a constituição do *corpus*, necessário para estabelecer com cientificidade as fontes do trabalho. A isso acrescento a preocupação de definir um usuário específico para seus dicionários, como o caso do estudante de grau médio. Certamente, *O Dicionário Didático do Português*, publicado pela Ática, mais tarde, tornando *Dicionário do Estudante* pela Editora Globo, foi o primeiro dicionário brasileiro elaborado por uma linguista-lexicóloga para este público. A preocupação didática e o consulente visado determinaram a estrutura geral e, sobretudo, original da obra no Brasil. A observação desses componentes e a proposta de colocá-los em prática, sem dúvida, foram princípios metodológicos de uma lexicografia inovadora em nosso país.

Não tenho a intenção de recuperar seu currículo lexicográfico, que cobre um amplo espectro, mas não se pode pensar em Maria Tereza Biderman, sem referir seu gigantesco projeto do *Dicionário Histórico do Português do Brasil*, cuja realização não pôde acompanhar e não viu ser levado a termo. Esse dicionário tornou-se realidade pela dedicação incontestável e admirável da professora Clotilde Murakawa que a sucedeu nessa hercúlea tarefa.

Todo esse percurso de realizações de Maria Tereza Biderman foi possível não só pelo seu dinamismo, mas também pela sua capacidade de atualização, sua agilidade de saber lidar com as novas tecnologias da informação, hoje, vitais para a lexicografia.

Quero agora salientar que, na sua imensa produção intelectual, há um livro digno de destaque – *Teoria Linguística* – publicado pela Martins Fontes, que chegou a uma segunda edição atualizada em 2001. Guardo com carinho um exemplar dessa segunda edição que dela recebi com uma dedicatória.

Como o próprio título evidencia, esse livro tem um alcance que revela a capacidade reflexiva de Maria Tereza sobre os fenômenos da linguagem. Nessa obra, e não poderia ser diferente, o léxico é o objeto privilegiado. Trata-se de uma retomada e de uma avaliação dos princípios e teorias da linguística, relacionados à natureza e constituição da palavra, o que leva a questões de semântica, de morfologia, de classes de palavras, de neologismo junto a outros aspectos importantes. De fato, o livro estrutura um conjunto modelar de aspectos lexicais e de muitos itens relacionados ao léxico. Esta obra imprescindível reflete a essência de pesquisadora das ciências do léxico que foi Maria Tereza Biderman ao longo de sua vida.

É também desse texto que extraio o pensamento a seguir para algumas breves reflexões sobre o léxico, sua natureza e constituição:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o léxico, se expande, se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 178)

Ao trazer esse fragmento, inicio pela observação de que o substantivo “Léxico” aparece sempre grafado com letra maiúscula. Confesso a vocês que nunca havia visto isto em outro lugar; mas, sem dúvida, é um símbolo da importância que Maria Tereza atribuía ao componente léxico dos idiomas. Um componente nem sempre valorizado, por vezes, até dentro da academia, certamente por razões ligadas a aspectos formais da constituição do léxico.

De fato, mesmo em ambientes científicos também centrados na linguagem, mas fora de nossas áreas, predominam pontos de vista de que o léxico é um objeto linear, sem complexidade, sem organicidade e, logo, idiossincrático. É, portanto, não ordenado, se observado em contraponto à gramática.

Em consequência, a reflexão a seu respeito não costuma ser considerada como de maior valia científica. Trabalhar com a palavra é algo

impreciso, o que também pode estar associado ao fato de que a linguística deixou de se voltar para a palavra como um todo. Mas apesar de imprecisa conceitualmente, e dos vários ângulos que a compõem, não há como negar que a palavra ocupa uma posição central no campo linguístico: “Todo o funcionamento da língua em seus vários níveis, parece constatar de sistemas que giram à volta da palavra” (LEPSCHY, 1984, p. 156).

É também comum o olhar leigo sobre a palavra, vale dizer, é frequente a compreensão de que todo item lexical é algo simples, sem mistérios, sem complexidade já que é de utilização geral. Logo, sobre o léxico e sobre a palavra, todos podem dizer alguma coisa, autorizados então pelo fato de que deles fazem uso. Em síntese, ambos – o conjunto léxico e seus itens constitutivos –, não se configuram como elementos que, para analisá-los e descrevê-los, é necessário maior ciência ou conhecimento científico.

No entanto, estão aí as ciências do léxico para responder que características clássicas como a heterogeneidade constitutiva do léxico e sua natureza mutável, ao contrário de serem “defeitos”, definem positivamente sua identidade. De fato, o léxico é o pulmão das línguas, é por onde respiramos para nomear o que identificamos, percebemos, entendemos e sentimos. A renovação lexical, que jamais ocorre na totalidade, o que impediria a comunicação, é o reflexo de que as culturas humanas recusam a estagnação do conhecimento sob todos os ângulos possíveis. O dinamismo e a riqueza do léxico estão, pois, vinculados à existência humana. E, tal como nos diz Maria Tereza Biderman:

Embora o léxico seja patrimônio da comunidade linguística, na prática, são os usuários da língua, - os falantes- aqueles que criam e conservam o vocabulário dessa língua. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a semântica da sua língua... (BIDERMANN, 2001, p. 178)

À luz desses pensamentos, entende-se que o plano das “chamadas” irregularidades lexicais decorre do dinamismo positivo e determinante do acolhimento de novas palavras e expressões e pelo desuso que muitas delas sofrem. A par dessas mudanças, a heterogeneidade constitutiva do léxico deve-se à presença de termos técnico-científicos, de regionalismos, de gírias, entre tantas outras formas que integram as necessidades de nomear e de fazer significar das comunidades linguísticas.

Essa multiplicidade de facetas é da natureza constitutiva do léxico, cujo perfil não é a de um bloco monolítico e imutável. Ao contrário, compõe-se do velho e do novo, do geral e do específico, do uso abrangente em termos territoriais ou do regional entre outros aspectos. Assim

também, nomeia, designa, faz significar, expressa subjetividades e ideologias.

Deve-se a tudo isso, a riqueza e a compreensão de que o léxico funciona efetivamente como o pulmão das línguas vivas de cultura. É um conjunto aberto que se renova para atender às condições necessárias de comunicação verbal de diferentes gerações, das especialidades profissionais, de grupos sociais distintos entre tantas outras possibilidades.

Toda essa diversidade constitutiva está efetivamente relacionada a aspectos diacrônicos, diatópicos, de estratos sociais, de níveis de fala. Decorre daí a ideia de instabilidade, da falta de organicidade do componente léxico e, em consequência, dos julgamentos negativos a respeito de um pilar que, na verdade, é essencial e intrínseco à existência e à prática das línguas, porquanto capaz de somar a significação dos dizeres individuais ao dizer coletivo. Seguindo as palavras de nossa homenageada, entende-se o modo de construção do léxico: “Ao fim e ao cabo, o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 178)

Em síntese, sem palavras, não há o verbal, não há sistema linguístico.

E, não por acaso, a palavra, condição da existência do léxico, é também a marca da nossa condição de seres humanos, de nossa subjetividade e também o meio para o pensar, tanto que: “É o que se pode dizer que delimita e organiza o que se pode pensar” (BENVENISTE, 1976, p. 76).

Para terminar, quero ainda lembrar que, para dizer o que se deseja, com muita frequência, recorreremos ao dicionário, cuja serventia não é necessário agora listar. Apenas, acrescento que há uma relação inevitável e indissociável entre léxico, como conjunto de palavras de uma língua, e os dicionários da mesma língua. Isso porque o dicionário, de acordo com sua etimologia, é o lugar onde se guardam as palavras.

Por sua vez, como nos diz Alain Rey: “o dicionário nos dá uma imagem do léxico de um idioma” (1977, p. 3). Assim, mesmo que falte algum item, o dicionário é o único tipo de obra que assume a difícil missão de registrar, de referenciar o léxico de modo sistemático.

Com esse pensamento, esse lexicólogo e lexicógrafo francês, responsável pela importante coleção dos dicionários *Robert*, portanto quali-

ficado tal como Maria Tereza Biderman, também lexicóloga e lexicógrafa, explica o entrelaçamento entre palavras e dicionário. Mais que isso, ambos concretizaram a difícil missão de lidar com toda a heterogeneidade constitutiva do léxico para dicionarizá-lo, para nos ajudar a ser uma sociedade de cultura.

Voltando ao percurso de Maria Tereza Biderman, quero enfatizar que ela nos ofereceu importantes imagens do conjunto das palavras do português do Brasil. Com reflexões e práticas lexicográficas pensadas, avaliadas e testadas contribuiu para um registro confiável, para um resgate da história e da atualidade de nosso acervo léxico.

Essas breves referências ao intenso trabalho de Maria Tereza Camargo Biderman constituem uma singela homenagem a sua pessoa, um tributo a seu trabalho. Com esse intuito, procurei delinear o perfil de alguém que foi amiga, abriu caminhos, ensinou muito. Sempre será um exemplo de pesquisadora séria, corajosa, apaixonada, cujo dinamismo escreveu uma importante fase da história não só do nosso GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, mas colaborou significativamente para o avanço qualitativo da lexicografia brasileira e para a afirmação dos alicerces das ciências do léxico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. São Paulo: Edusp, 1976.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEPSCHY, J. Léxico. *Enciclopédia Einaudi, linguagem e enunciação*. v. 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- REY, Alain. *Le lexique: images et modèles, du dictionnaire à la lexicologie*. Paris: Colin, 1977.